DISCURSO, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DOS SUJEITOS: REFLEXÕES SOBRE GÊNERO E INTERSECCIONALIDADES

Luisa Argolo Maia
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0007-2100-8203
Endereço eletrônico: luargolomaia@gmail.com

Janaina de Jesus Santos
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0007-2100-8203
Endereço eletrônico: janaina.santos@uesb.edu.br

Palavras-chave: Educação; discurso; sujeito; gênero; interseccionalidades.

INTRODUÇÃO

A educação escolar constitui um espaço de formação dos sujeitos, produção de identidades e relações sociais. Nesse cenário, a discussão sobre gênero e suas interseccionalidades torna-se relevante para a problematização de discursos historicamente naturalizados. Assim, o presente trabalho tem como tema o papel da educação na formação dos sujeitos e problematização de discursos sobre gênero e suas interseccionalidades. Para isso, parte-se do seguinte problema: como a educação contribui para a formação dos sujeitos e problematização de discursos sobre gênero e suas interseccionalidades?

Com as contribuições de Foucault (2008) acerca da constituição do sujeito e relações de poder e de hooks (2017), que traz a educação como espaço de resistência, o objetivo deste trabalho é discutir o papel da educação na formação dos sujeitos e na problematização de discursos sobre gênero e suas interseccionalidades, a partir de um diálogo entre esses dois autores. Desse modo, a discussão mostra-se relevante ao considerar a educação escolar como um espaço atravessado por relações de poder que influenciam a construção das identidades, constituindo também um recorte teórico de uma pesquisa de dissertação em andamento sobre arte sequencial, gênero e interseccionalidades no contexto educacional.

METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, é adotada a metodologia arqueogenealogica para a análise das relações entre educação e formação dos sujeitos. Conforme Navarro e Sargentini (2022), a arqueogenealogia busca compreender como determinados discursos tornam-se legítimos e operam como verdades em diferentes contextos históricos. Em entrevista, Gregolin afirma: "fazer análise arqueogenealógica significa que nosso olhar investigativo se debruça sobre os discursos a fim de enxergar a trama das relações entre saberes, poderes e processos de subjetivação pela lente crítica da história." (Navarro; Sargentini, 2022, p. 38) Assim, esta metodologia possibilita compreender como os discursos circulados na escola participam da formação dos sujeitos e da produção de determinadas verdades e de mecanismos históricos e discursivos que regulam o que pode ser dito, pensado e reproduzido em determinados contextos.

A partir disso, torna-se possível problematizar como as discussões sobre gênero e suas interseccionalidades são construídas e legitimadas no ambiente educacional, considerando o papel da educação tanto na reprodução de discursos normativos quanto na abertura de possibilidades críticas de reflexão e resistência. Nesse sentido, mobilizam-se também as contribuições de bell hooks (2017) acerca da educação como prática crítica e transgressora, compreendendo o espaço educacional como um campo atravessado por disputas, mas também por possibilidades de questionamento diante das relações de poder que atravessam as experiências sociais e educacionais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pensar a educação a partir das contribuições de Michel Foucault (2008) e bell hooks (2017) implica compreendê-la como um espaço atravessado por discursos e relações de poder. Nesse sentido, torna-se possível refletir sobre como determinados discursos são legitimados no ambiente educacional, especialmente no que se refere às discussões sobre gênero, suas interseccionalidades e seu impacto na formação do sujeito. Sob essa perspectiva, compreende-se que a construção dos sujeitos é produzida historicamente por discursos, relações sociais, normas e relações de poder que atravessam diferentes instituições, dentre elas a escola (Oliveira; Rodrigues, 2018).

A partir da compreensão de discurso, definido como um conjunto de enunciados regulados por condições históricas, sociais e culturais específicas, que se articulam a discursos anteriores e influenciam a produção de novos sentidos (Foucault, 2008), a constituição do sujeito é percebida como resultado de práticas sociais e discursivas atravessadas por relações de poder (Foucault, 2008) e pelos discursos que circulam em seus contextos históricos e sociais. Dessa forma, compreende-se a escola como um espaço não neutro, com mecanismos disciplinares e de controle que influenciam a construção das identidades da legitimação de determinados discursos sociais (Foucault, 2023).

Assim, é evidenciado como determinadas identidades e práticas são legitimadas, enquanto outras são silenciadas, uma vez que as relações de poder atuam na definição do que circula como verdade dentro da escola (Santos, 2025).

Nesse contexto, bell hooks (2017), propõe observar a educação para além da transmissão de conteúdos, e sim um espaço com potencial de resistência. A autora defende a construção de uma pedagogia que estimule o pensamento reflexivo e o questionamento das estruturas de dominação, como o racismo, sexismo e elitismo e problematiza modelos educacionais que apenas reproduzem conteúdos, argumentando que o reconhecimento das experiências dos estudantes contribui para a construção de práticas pedagógicas mais participativas (hooks, 2017).

As discussões propostas também permitem refletir sobre as noções de gênero e interseccionalidade. Formulada por Kimberlé Crenshaw e discutida por Carla Akotirene (2019), o conceito de interseccionalidade possibilita compreender como diferentes sistemas de opressão, como racismo, sexismo e desigualdades de classe, atuam simultaneamente na produção das experiências (Akotirene, 2019). Considerar essas articulações amplia a compreensão sobre os processos de formação dos sujeitos e reforça a importância de promover, no ambiente educacional, discussões sobre as múltiplas formas de desigualdade presentes na sociedade.

Nesse contexto, as contribuições de Foucault (2016) possibilitam compreender a escola como uma instituição atravessada por mecanismos disciplinares e relações de poder que atuam diretamente na formação dos sujeitos, regulando corpos, comportamentos e modos de existência (Pereira, 2016). Ao discutir as sociedades disciplinares, o autor evidencia que o espaço escolar opera por meio de práticas de vigilância, fiscalização e normatização que

participam da produção de sujeitos socialmente ajustados às normas e expectativas dominantes (Pereira, 2016).

Entretanto, ao dialogar com as contribuições de bell hooks (2017), torna-se possível compreender que o espaço educacional pode também constituir-se como um espaço de resistência, reflexão crítica e transformação social (Oliveira; Rodrigues, 2018).

CONCLUSÕES

A partir dessas discussões, compreende-se como a educação escolar contribui para a formação dos sujeitos e para a problematização de discursos sobre gênero e suas interseccionalidades. Ao tecer um diálogo entre Michel Foucault (2008) e bell hooks (2017), observa-se que a escola é atravessada por discursos, relações de poder que influenciam diretamente a construção das identidades, dos corpos e das experiências. Com isso, a escola participa tanto da legitimação de determinadas verdades quanto da reprodução de normas que regulam modos de existência e formas de compreender as diferenças. Contudo, hooks (2017) permite perceber que a educação não se restringe à reprodução desses discursos, podendo também constituir-se como um espaço de reflexão e resistência contra das desigualdades sociais. Desse modo, discussões sobre gênero e suas interseccionalidades no contexto escolar contribuem para tensionar discursos historicamente naturalizados e ampliar possibilidades de construção de práticas pedagógicas críticas e inclusivas.

Assim, a educação passa é compreendida como um campo de disputas e de construções de sentidos sobre as diferenças sociais. Refletir sobre gênero e suas interseccionalidades na escola implica reconhecer o seu papel na manutenção de desigualdades e na ampliação do horizonte identitário de meninas e meninos.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 152p. Feminismos Plurais/ coordenação de Djamila Ribeiro. ISBN 978-85-98349-69-5

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. 2. ed. São Paulo: Editora WMF MartinsFontes, 2017.

NAVARRO, P; SARGENTINI, V. Por uma Arqueogenealogia dos Estudos Discursivos Foucaultianos no Brasil - Cartografias: Entrevista com Maria do Rosario Gregolin**. Revista da Anpoll**, Florianópolis, v. 53, n. 2, p. 20-40, maio/ago. 2022. Disponível em: https://doi.org/10.18309/ranpoll.v53i2.1777. Acesso em: 21 maio 2026.

PEREIRA, Andiara Ramos. Viver nas fronteiras: feminismo interseccional e outros espaços de educação. **Revista Concinnitas**, *[S. l.]*, v. 1, n. 28, p. 360–373, 2016. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/concinnitas/article/view/25927. Acesso em: 25 maio. 2026.

A. G. OLIVEIRA, F; RODRIGUES, L. Por uma educação TRANSgressora e TRANSfeminista: Possíveis enfrentamentos à produção das ausências através da disciplinarização e subjetivação. **APRENDER - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, [S. l.], n. 20, 2018. DOI: 10.22481/aprender.v0i20.4553. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/aprender/article/view/4553. Acesso em: 22 maio. 2026.

SANTOS, V. **Diretrizes éticas em Foucault e ações pedagógicas em bell hooks: contribuições à mediação de professores frente à violência escolar.** Áskesis, v. 14, n. 2, p. 334-354, jul./dez. 2025. Disponível em: https://doi.org/10.14244/2238-3069.2025/38